

LEVE COMO A LUZ? (Resumo)

por

Pedro José Freitas Borges de Araújo¹

1. A porta entreaberta

O anglicismo abre a porta: *Light as feather, Light my Fire, Light* vs. *Heavy e/ou Light vs. Darkness*. Imagino (invento) uma ambiguidade (possível) na proposta original: *light*. Cultura leve / pesada / luz / escuridão. Desafio camuflado, vertigem, é como *tactear* no escuro à espera de alguma luz.

2. (pré) Reflexões para o caminho

Se este discorrer em âmbito *light* tivesse que ser proferido na língua de sua majestade, ..só o contexto poderia, em cada momento, decidir entre a alusão leve e a luz que guia. Nem apocalíptico nem integrado, Ecoa o aviso no texto do filósofo.

3. Primeiros passos (ouvem-se vozes)

Como lidar com um mundo desmaterializado que nos entra pelos olhos. leve, levezinho, sempre a chamar por nós? Que arquitectura nos espera quando, ao virar, a esquina for electrónica? Que praça ou avenida se encherá de corpos quando não for mais que um Seurat de pixels, na luminescência dos monitores? Que acontecerá quando finalmente se cumprir a sentença de que o saber não ocupa (nenhum) lugar? Uma labiríntica biblioteca cósmica, infinita, universal, que se desperta, intangível, ao toque de um rato (Mighty Mouse ou apenas o velho Mickey das férias indolentes)? Um médium todo-poderoso que converte zeros e uns em prosa e poesia? Que esquizofrenia suporta o novo oráculo?

4. Seguir por muitos caminhos

Na partida, e a cada momento, podem-se bifurcar os caminhos.

5. Mais luz: oxigénio, esqueletos, Hox genes, sexo, etc. e os olhos bem abertos

A Explosão do Câmbrio. A pressão selectiva e o desenvolvimento dos órgãos fotossensíveis. As mudanças ambientais. A história dos olhos e da visão e a vantagem adaptativa.

6. Ver e construir o mundo

A matriz visual como determinante da construção do mundo. A estrutura cognitiva, o material foto-sensibilizante e a coevolução.

¹ DCTP – FLUP. E-mail: paraujo@letras.up.pt

7. Acerca das máquinas antigas em novos contextos (ambientes)

Processos culturais, divergências entre sujeito e contexto, e o sincronismo nunca conseguido. A aferição com o mundo. A recursividade e a especiação do mutante humano.

8. Territórios, topografias, paisagens

Território possível, topografia mínima, paisagens para seres ávidos e receosos, fascinados às portas das arquitecturas.

9. Mapa breve (para uma outra parte do caminho)

9.1. Marcos soltos

Santo Agostinho. Gregório, o Grande, e o sínodo de Arras. Para “gente simples e iletrada” o conhecimento através da imagem.

9.2. A visão e as visões ou Um olhar, a propósito, para Basra (Iraque)

Al Alhazen, e a inversão do paradigma grego vertido nos textos clássicos. A fundação de uma teoria da visão, ligando a óptica (geometria e física) com a fisiologia do olho e a psicologia da percepção.

9.3. A luz de Suger, a *Apologia* de Bernardo de Claivaux e o *De Imagine Mundi*

Suger, o abade de Saint Denis e a disputa com Bernardo abade de *Clairvaux*, Luz, Verdade, Beleza, o próprio Deus. A crítica ou o programa fundador do gótico.

Honorio de Autun e a fórmula “*pictura est laicorum literatura*”.

9.4. Imagem, Emoção, Memória e a interpretação do Mundo

S. Boaventura e S. Tomás de Aquino, as imagens, a emoção, a instrução e o exemplo.

9.5. Renascença e um acelerador de imagens

O Homem que se olha a si próprio, se reproduz no mundo que produz, se institui centrado no Universo. Gutenberg, o acelerador da difusão da imagem.

9.6. Do *Enlightenment* à Razão

A frivolidade dos salões convive com a densidade da pesquisa filosófica, científica, literária, artística. A educação para a Razão.

10. Arquitecturas

O *monumento*, as arquitecturas, a dominante visual e a faculdade cognitiva instruída pela linguagem.

11. (Penso logo) existo logo penso

Visão, estar no mundo, ser. Cultura de massas e o seu fundador.

Palavras-chave: Luz; imagem/visão; arquitectura.

Abstract: The author presents some topics to think the multiple connotations of the word/concept “light”.

Key-words: Light; image/vision; architecture.